



Perspetivas sobre a Educação Democrática e o Ideal Pedagógico no Ensino

Vicente Paulino^[1]

vicentepaulino123@gmail.com

Regina Pires de Brito^[2]

regina.brito@mackenzie.br

Resumo: Neste artigo, aborda-se fundamentalmente o reconhecimento dado à educação que visa a mudança que se pretende numa sociedade democrática, solidária e intercultural. Neste sentido, apresenta-se algumas perspetivas sobre a educação democrática e sobre o ideal pedagógico nos processos de ensino-aprendizagem, que se deverá alicerçar nos princípios essenciais da humanidade e nos valores de desenvolvimento sustentável, como o respeito pelo outro, o respeito pela diferença e o reconhecimento da diversidade cultural.

Palavras-chaves: Educação Democrática; Ideal Pedagógico; Currículo; Ensino-aprendizagem.

Perspectives on Democratic Education and the Pedagogical Ideal in Teaching

Abstract: This article deals fundamentally with the recognition given to education that aims to bring about change in a democratic, supportive and intercultural society. In this sense, it presents some perspectives on democratic education and the pedagogical ideal in teaching-learning processes, which should be based on the essential principles of humanity and the values of sustainable development, such as respect for others, respect for difference and recognition of cultural diversity.

Keywords: Democratic Education; Pedagogical Ideal; Curriculum; Teaching and Learning.

[1] Doutor em Estudos de Literatura e Cultura/especialidade em Cultura e Comunicação pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (Ulisboa), Lisboa, Portugal. Estágio Pós-doutoral na Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM), São Paulo, Brasil. Professor Convidado da Universidade Nacional Timor Lorosa'e (UNTL), Díli, Timor-Leste. Investigador do Centro de Estudos de Cultura e Artes da Universidade Nacional Timor Lorosa'e (UNTL), Díli, Timor-Leste. Investigador do Instituto de Estudos de Literatura e Tradição da Universidade Nova de Lisboa (IELT-FCSH-NOVA), Lisboa. <https://orcid.org/0000-0003-0215-9712>.

[2] Doutora e Mestra em Linguística pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP), São Paulo, Brasil. Estágio Pós-doutoral na Universidade do Minho (Uminho), Braga, Portugal. Professora Adjunta da Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM), São Paulo, Brasil. Coordenadora do Doutorado Interinstitucional Internacional (DINTER) da Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM), São Paulo, Brasil, com a Universidade Nacional Timor Lorosa'e (UNTL), Díli, Timor-Leste. <https://orcid.org/0000-0002-0634-8572>.

*Nascemos fracos, precisamos de forças;
nascemos estúpidos, precisamos de juízo.
Tudo o que não temos ao nascer e de que
precisamos quando grandes nos é dado
pela educação.*

Jean-Jacques Rousseau

*Não sou nada pelo que aprendi,
Apenas sei que sou um eterno analfabeto.
Não sei de tudo que aprendi,
Apenas conheço algumas
que não da minha natureza.*

Vicente Paulino

Considerações Iniciais

Aprender ao longo de toda a vida é o melhor remédio para a felicidade plena do ser humano e, para tal, é imprescindível procurar sempre o conhecimento como forma de desenvolver a nossa percepção sobre o mundo e sobre a natureza de que fazemos parte.

É precisamente neste ponto que, portanto, é importante procurar fundamentar a nossa percepção sobre a educação, cada vez mais contestada por diversos conceitos essencialmente ligados ao processo de ensino e aprendizagem (Winch & Gingell, 1999; Matheson, 2014a e 2014b).

O ser humano cresce e se desenvolve, em primeira instância, pela educa-

ção familiar. Significa que ninguém aprende logo a educação formal na escola, mas aprende, em primeiro lugar, algumas lições básicas associadas a princípios morais da humanidade a partir da família. Como justifica Lawrence Cremin (1976, p.122):

The education of the home is often decisive and educative styles first learned in the family hold much of the key to the patterns by which individuals engage in, move through, and combine educational experiences over a lifetime^[3].

Neste contexto, a família é uma instituição privada com “laços de sangue”, que assume a sua função como centro das primeiras aprendizagens do ser humano desde a nascer, ou seja, a família é o “espaço primário” de convivência do ser humano, onde se inicia o seu processo de aprendizagem e de aquisição de conhecimentos elementares herdados de seus ancestrais (Santos & Paulino, 2014). A educação na vida familiar é estabelecida por um sistema funcional baseado no apoio

^[3] A educação em casa é muitas vezes decisiva e os estilos educativos aprendidos na família são a chave para os padrões através dos quais os indivíduos se envolvem, transitam e combinam experiências educativas ao longo da vida. Tradução nossa.



de todos os membros da família, incluindo o senso comum, que se encontra na realidade social (Durka, 1990; Pazmiño, 2002). Destarte, não se pode ignorar a historicidade humana (numa concepção proposta pelo educador brasileiro Paulo Freire) e fazer tábula rasa do que o educando carrega consigo – e que o forma desde o nascimento – para o espaço escolar. Está em causa perceber que as experiências individuais, pautadas pelo dinamismo, pela flexibilidade e pela transformação, são constitutivas do sujeito e essenciais para o processo de ensino-aprendizagem:

[...] O saber de hoje não é necessariamente o de ontem nem tampouco o de amanhã. O saber tem historicidade. Nunca é, está sempre sendo. Mas isto não diminui em nada, de um lado, como já disse a certeza fundamental de que posso saber, de outro, a possibilidade de saber com maior rigorosidade metódica o que aumenta o nível de exatidão do achado (Freire, 2012, p. 29).

Globalmente, o objetivo fundamental da educação é reconhecer a aprendizagem não formal e informal como parte de um movimento mais

amplo, para reorientar a educação e a formação para a mudança. Esta mudança baseia-se no respeito pelos outros, o respeito pela diferença e pela diversidade, a exploração e o diálogo. Assim é que se examina a importância de cumprir os requisitos institucionais e políticos que atribuem o valor genuíno ao reconhecimento da educação na sociedade em que se insere o processo ensino e aprendizagem (Sing, 2015; Chazan, 2022).

Algumas Perspetivas Sobre a Educação

É compreensível que o processo ensino e aprendizagem envolve muitos conceitos, práticas e teorias diferentes. As teorias sobre a educação baseiam-se nos estudos e em algumas linhas de pensamento de diversos educadores, pelas quais o engajamento do processo de definição estrutural e denominações terminológicas é sempre apresentado de forma diferente, mas, afinal, o senso comum das teorias desenvolvidas é colocar sempre a educação no primeiro plano de reflexão, em movimento contínuo de reavaliação no que for necessário. Assim, segundo Libâneo (2005), o desenvolvimento

das teorias da educação está dividido em dois grandes eixos do saber:

- a) *Psicologia*, que visa potencializar as capacidades do indivíduo, pela qual a compreensão sobre a cognitiva humana está associada à matéria da psicologia social; enquanto a capacidade de aquisição do conhecimento enquadra-se na matéria da psicologia educacional.
- b) *Sociologia*, que busca desenvolver habilidades sociais e socio emocionais. A abordagem sociológica sobre a educação centra-se fundamentalmente ao processo do ensino-aprendizagem, do controlo social e das características dos professores que atuam na sala de aula, incluindo os comportamentos dos aprendentes nas instituições escolares.

Partindo destes dois grandes eixos do saber, encontram-se também algumas tendências teóricas da educação ligadas à prática pedagógica, que, segundo José Carlos Libâneo, influenciam a posição dos professores na execução de sua prática docente em relação à sociedade, ao mesmo tempo, pela forma como leva a educação à estrutura social conectada pela prática pedagógica dentro da sala de aula e fora dela. Libâneo, tam-

bém, adverte que as tendências teóricas da educação são normalmente comprometidas às *pedagogias liberais* e *pedagogias progressistas*.

A primeira – a *pedagogia liberal* – diz respeito às teorias não críticas, sendo que a abordagem destas teorias se centra na escola, cujo papel é o de preparar os alunos para o desempenho de algumas funções pré-definidas socialmente; ou seja, a escola prepara os recursos capacitados para desempenhar algumas tarefas na sociedade – em outras palavras, trata-se de uma espécie de prestação de serviço à sociedade. Além disso, a pedagogia liberal, na teoria liberal, se materializa numa escola para formar cidadãos capazes de pensar no mercado de trabalho – ao que se chama “capital económica” da sociedade. Isso pode significar que, mesmo que a escola seja uma instituição social, ela está sempre em crise, porque não pode funcionar sem suportes financeiros e outros recursos necessários. Por isso, a escola, pela sua natureza existencial como instituição social, está sempre sob a reprodução das relações de produções capitalistas (Althusser, 2008).

Por sua vez, a *pedagogia progressista* diz respeito às teorias críticas,



que colocam a educação como um processo sociopolítico pela qual se direciona à política. Cabe, portanto, “à educação progressiva tomar a lição dos inovadores e reformadores e buscar, sob urgência maior e maior pressão do que qualquer dos renovadores antigos, uma filosofia de educação fundada numa filosofia de experiência” (Dewey, 1979a, p.18). Mesmo que se apresente a educação numa visão progressista, isso não equivale a dizer que ela pode fazer mudanças significativas no processo de ensino-aprendizagem, porque há um desafio que essa educação progressista enfrenta, que é descobrir e pôr em operação o princípio de ordem e da organização escolar, sobretudo, o que se compreende pela “experiência educativa”.

Tanto as pedagogias liberais como as pedagogias progressistas colocam sempre a escola como uma instituição social que assume um papel de construção da realidade social e de reprodução do capital simbólico e cultural da sociedade. Em outras palavras, essas pedagogias têm desempenhado um papel central com o fim de conscientização da educação emancipatória no seio da sociedade escolarizada e não escolarizada.

O que podemos definir em ambas as pedagogias (liberais e progressistas) é o consenso entre pensadores que desenvolvem suas percepções teóricas a elas relacionadas a partir da experiência educativa. Nessa direção, o desenvolvimento do “sistema educativo tem de ser mover num sentido ou noutro, seja para trás buscando os padrões intelectuais e morais de uma era pré-científica, ou para a frente, buscando cada vez maior utilização do método científico no desenvolvimento das possibilidades de experiência sempre crescente” (Dewey, 1979a, p.95). É nesse contexto que John Dewey se esforçou para considerar algumas das condições que possam ser úteis para atender satisfatoriamente a educação a favor de um caminho conhecido por “experiência dialógica” em uma filosofia reflexiva.

Não é de estranhar que a educação é uma ação social praticada pela sociedade humana e com ela o ser humano desenvolve as suas potencialidades, habilidades e competências. Como adverte Lawrence Cremin (*apud* Chazan, 2022, p.15):

Education is the deliberate, systematic, and sustained effort to transmit, provoke or acquire knowledge,

values, attitudes, skills or sensibilities as well as any learning that results from the effort^[4].

Esta definição dá-nos uma perspectiva de que a educação é uma tarefa proporcional às atividades realizadas nas escolas e fora dela. Como explica Barry Chazan (2022, p.15-16):

The word “education” is reserved for frameworks created with the considered and conscious intent to educate. This definition also understands education as a process and not a place. It is a purposeful activity that can happen within a wide range of frameworks and not only in buildings called schools.^[5]

Não se pode, portanto, restringir apenas a educação à escola, mas também a ela somar as formas pelas quais ela se desenvolve na sociedade por meio de distintas estruturas funcionais. Desse modo, quando se ex-

plora a natureza da estrutura educacional, a discussão é sempre voltada à educação formal, à educação não formal e a educação informal; e isso cria uma nova reflexão sobre a educação fora da experiência escolar ou da educação formal (Tudor, 2013).

Alguns historiadores da educação, como Bernard Bailyn (1960) e Lawrence A. Cremin (1976b), afirmam que ocorre uma grande mudança de perspectiva sobre a matéria da educação, por isso que definem a educação nos contextos mais amplos do que um foco estreito na escolarização (Pazmiño, 2002). Esta compreensão alargada é resultado de reconhecimento feito a outras estruturas e grupos sociais que assumiram um papel importante na educação, particularmente no processo de desenvolvimento do ensino e aprendizagem. Certo é que este reconhecimento parte de uma “nova consciência” de se fazer uma releitura sobre a história da educação relativa às escolas, que crescem juntamente com as contribuições de agentes sociais como a família e a comunidade. Para tal, são necessárias novas adaptações entre o saber baseado na escola e as experiências de aprendizagem adquiridas na vida quotidiana.

[4] A educação é o esforço deliberado, sistemático e sustentado para transmitir, provocar ou adquirir conhecimentos, valores, atitudes, aptidões ou sensibilidades, bem como qualquer aprendizagem que resulte desse esforço. Tradução Nossa.

[5] A palavra “educação” é reservada aos quadros criados com a intenção ponderada e consciente de educar. Esta definição também entende a educação como um processo e não como um lugar. É uma atividade intencional que pode ocorrer num vasto leque de estruturas e não apenas em edifícios chamados escolas. Tradução nossa.



A educação é precípua para o crescimento cognitivo do ser humano e o desenvolvimento social da sociedade, sendo por nós exercida como elemento ou meio basilar para fundamentar o desenvolvimento das nossas habilidades mentais e cognitivas. Mesmo assim, tem de adequar-se à necessidade da sociedade na qual se insere. A educação é exercida e realizada além dos espaços da educação formal (instituição escolar), abrangendo, naturalmente, aquilo que se aprende também no convívio social. Significa afirmar que a educação começa a incluir a aprendizagem adquirida numa nova conscientização do saber, com a inculturação (ou seja, a incorporação de aspetos culturais próprios de uma comunidade) e as experiências obtidas fora das salas de aula (Illich, 1985). Por isso, o homem contemporâneo está, cada vez mais, a lutar com aceleradas mudanças históricas, especialmente a partir da Revolução Francesa e Revolução Industrial. Deve, hoje, procurar saber se o facto progressivo se dirige para a consumação do bem-coletivo, pela qual o mundo físico está a ser controlado por um progresso cognitivo do ser humano com o aumento de sua habilidade técnica de pensar e criar.

Sabemos que todos fazemos parte de um processo educativo que nos tornar verdadeiramente humano, pois, segundo Barry Chazan (2022, p.90):

I believe that the subject of education is the person. I believe a person is someone whose enhancement, development, well-being and dignity are the aim of existence. I believe the educator is a person of ultimate faith, ultimate doubt, and ultimate courage whose calling is to help the young learn how to learn.^[6]

Por meio da educação, produz-se o conhecimento e desenvolve-se o tecido social humano. Esse último tem na base desde a sua criação.

^[6] Considero que o objeto da educação é a pessoa. Acredito que uma pessoa é alguém cuja valorização, desenvolvimento, bem-estar e dignidade são o objetivo da existência. Acredito que o educador é uma pessoa de fé suprema, de dúvida suprema e de coragem suprema, cuja vocação é ajudar os jovens a aprenderem a aprender. Tradução nossa.

A Educação como Ação Exercida pelas Gerações Adultas

Compreende-se que a educação é uma ação exercida pelos pais e professores. Em casa, a educação é transmitida pelos familiares e, na escola, o papel educativo cabe aos professores. Desta forma,

A educação é uma ação exercida pelas gerações adultas sobre aquelas que não estão ainda maduras para a vida social. Ela tem por objeto suscitar e desenvolver na criança um certo número de estados físicos, intelectuais e morais exigidos tanto pelo conjunto da sociedade política quanto pelo meio específico ao qual ela está destinada em particular (Durkheim, 2011, pp. 53-54).

Neste sentido, a educação é essencial, pois com ela, além do fator humanizante – e como bem pontua Freire, “Educação não transforma o mundo. Educação muda as pessoas. Pessoas transformam o mundo” (2019, p. 82) – as pessoas podem, do ponto de vista prático, melhorar a vida económica, social e cultural das famílias e das comunidades. Por outras palavras, a educação coloca o homem em sua plena consciência

como um ser-digno na sociedade, aliás, por meio da educação, o homem cria o seu “novo ser”. Segundo Émile Durkheim (2011, p.58), “o novo ser que a ação coletiva edifica em cada um de nós através da educação representa o que há de melhor em nós, ou seja, o que há de propriamente humano em nós. De facto, o homem só é homem porque vive em sociedade”. O homem-total, portanto, é constituído a partir do seu crescimento em articulação com o ensino e mercado de trabalho.

Todavia, as preocupações sobre a educação centram-se não só nas crianças, mas também nos docentes, com a finalidade de alcançar níveis avançados de aprendizagem dos cidadãos. Um país é identificado desenvolvido pela sua qualidade do seu sistema educativo, posto que as nações mais desenvolvidas apostam sempre no investimento do sector educativo como prioridade primária e particular. Isto é, em termos utilitários, a educação é concebida como um objeto para “transformar o indivíduo em um instrumento de felicidade para si mesmo e seus semelhantes” (James Mill *apud* Durkheim, 2011, p. 45).

A educação pode unificar e dividir pessoas em classes sociais, ao mesmo



tempo, obedecendo às exigências de uma sociedade global a um tempo bem integrada, mas altamente dividida. É por isso que Émile Durkheim considera (2011, p. 78):

A educação vigente em determinada sociedade é considerada em determinado momento de sua evolução um conjunto de práticas, maneiras de agir e costumes que constituem factos perfeitamente definidos e tão reais quanto os outros factos sociais. Estas práticas não são, como se acreditou durante muito tempo, combinações mais ou menos arbitrárias e artificiais cuja existência decorre apenas da temperamental influência de desejos geralmente fortuitos. Elas são, ao contrário, verdadeiras instituições sociais. Não existe homem que possa fazer com que uma sociedade tenha em determinado momento, um sistema de educação diferente daquele que está contido em sua estrutura, bem como é impossível que um organismo vivo tenha órgãos e funções diferentes daqueles que estão encerrados em sua constituição.

Tradicionalmente, as teorias educativas refletem, sobretudo, o que se desenvolve em outras áreas do saber

como a filosofia, a política, a sociologia e a antropologia. No âmbito destas áreas, encontra-se o uso de alguns termos específicos associados à educação, por exemplo, “projeto antropológico educativo”, pedagogia filosófica ou filosofia pedagógica, pedagogia dos sentimentos e de amizade, entre outros.

Nas sociedades modernas, a educação não tem característica de informalidade, pois nos fenómenos sociais modernos a educação é exigida para seguir regras de atuação, isto é, a institucionalização do “ensinar” e do “aprender”. É nesse contexto que nasce a instituição escolar, que está constantemente permeada por outras instituições, como a igreja e a família, juntamente com outras formas de socialização como o trabalho e o lazer. É assim que a educação é definida como um facto social que agrega o eu-corporal, o eu-intelectual e o eu-tecnológico (Karl Max, 1978).

Alguns estudos mostram a relação da aprendizagem com os reflexos condicionados à memória. Por exemplo, alguns cientistas observaram que, durante o sono, o ser humano, sem o saber, o seu cérebro recorda ou memoriza coisas que aprendeu recente-

mente. Durante o sono de ondas lentas, a mente recorda novas memórias; portanto, no sono, acontece aquilo que Freud designou por “sonho inconsciente”, onde se vê o cérebro a trabalhar e armazenar as memórias passadas por alguns tempos.

Compreende-se também que o conhecimento dos docentes é essencial para desenvolver um ensino de qualidade. Um ensino de qualidade é suportado pelos profissionais de educação, particularmente os professores de espírito dialógico, interdisciplinar e intercultural. Um alerta para uma visão opressora, hierárquica e não dialógica, que não nos interessa no processo educativo é assinalada por Freire (1987, p.34):

(a) O educador é o que educa; os educandos, os que são educados; (b) o educador é o que sabe; os educandos, os que não sabem; (c) o educador é o que pensa; os educandos, os pensados; (d) o educador é o que diz a palavra; os educandos, os que a escutam docilmente; (e) o educador é o que disciplina; os educandos, os disciplinados; (f) o educador é o que opta e prescreve a sua opção; os educandos, os que seguem a prescrição; (g) o educador é o que atua; os educandos, os que têm a ilusão de que

atuam, na atuação do educador; (h) o educador escolhe o conteúdo programático; os educandos, jamais são ouvidos nesta escolha, acomodam-se a ele; (i) o educador identifica a autoridade do saber com sua autoridade funcional, que se opõe antagonicamente à liberdade dos educandos; estes devem adaptar-se às determinações daquele; (j) o educador, finalmente, é o sujeito do processo; os educandos, meros objetos.

Esses pontos levantados por Freire em tom de alerta nos chamam para a necessidade de uma formação docente consciente, que o faça um educador também consciente, um mediador do processo de ensino-aprendizagem, que incentive e vivencie a prática dialógica, que fortaleça a confiança dos educandos e os motive ao querer saber mais. Nessa perspectiva, o docente deve ter clareza quanto ao seu papel e, como aponta Freire, deverá (2011, p. 23),

Saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção. Quando entro em uma sala de aula devo estar sendo um ser aberto a indagações, à curiosidade, às perguntas dos alu-



nos, a suas inibições, um ser crítico e inquiridor, inquieto em face da tarefa que tenho – a ele ensinar e não a de transferir conhecimento. É preciso insistir: este saber necessário ao professor – que ensinar não é transferir conhecimento – não apenas precisa ser apreendido por ele e pelos educandos nas suas razões de ser – ontológica, política, ética, epistemológica, pedagógica, mas também precisa ser constantemente testemunhado, vivido.

Considerações Epistemológicas sobre Educação Democrática

O Estado é que tem a máxima responsabilidade e capacidade para evitar que a educação seja utilizada por alguns políticos e alguns indivíduos em benefícios pessoais e partidários, devendo assumir o seu dever de dar a garantia e assegurar o acesso à educação com qualidade, a fim de diminuir os efeitos das desigualdades econômicas e se outorgue a todos os cidadãos a igualdade de acesso à educação, como ponto de partida para o fortalecimento das suas futuras carreiras. Para esse efeito, o Estado, na sua agenda política, é obrigado a fazer exigências às instituições públi-

cas e organizações ligadas à educação para que:

proporcionem facilidades para o estudo e complete os recursos da família, para que os jovens se habilitem a auferir proveito dessas facilidades, como também uma tal modificação das ideias tradicionais de cultura, matérias tradicionais de estudo e métodos tradicionais de ensino e disciplina, que se possam manter todos os jovens sob a influência educativa até estarem bem aparelhados para iniciar as suas próprias carreiras econômicas e sociais (Dewey, 1979b, p. 105).

Na sociedade democrática, a educação democrática pode ser entendida a partir de algumas considerações a seguir:

a) a educação é democrática quando considerada como parte de entendimento mútuo ao direito dos cidadãos pela educação, capacitando-os com o agir coletivo para garantir a sua representatividade na tomada de decisão associada à atividade do ensino e aprendizagem. Além disso, a educação é democrática quando as instituições escolares são consideradas como parte da gestão democrática partilhada por meio de divisão de trabalhos, onde

todos os intervenientes de todos os segmentos da educação que se dedicam ao desenvolvimento da educação dos cidadãos. Por outras palavras, instituições escolares democraticamente criadas são consideradas como centros e diretórios de criação de “homens novos” e fomentadores de saberes.

- b) a educação é democrática quando ela é direcionada ao princípio de valorização do esforço físico, intelectual e moral dos professores e demais educadores por meio de facilidades como: a remuneração digna, o tempo de formação continuada, o direito de licença anual, direito de subsídios para a pesquisa, direito de participar nos encontros pedagógicos etc. Em alguns lugares, por exemplo, em Timor-Leste, muitas vezes, os professores não são valorizados ou tratados dignamente por aparelhos ideológicos de estado, ou mesmo pelas próprias lideranças das instituições escolares. Esses professores trabalham em condições precárias, lutando contra o sistema e contra as suas práticas injustas, dedicando-se ao ensino com certa consciência de que o faz “mesmo a sofrer”, a fim de semear

bons frutos para a futura geração da nação^[7]. Como assinalava também Althusser, na sua época, quando afirmou que os professores, “Em certa medida são heróis. Mas são raros, e quantos (a maioria) não tem sequer um vislumbre de dúvida quanto ao trabalho que o sistema (que os ultrapassa e esmaga) os obriga a fazer, pior, dedicam-se inteiramente e com toda a consciência à realização desse trabalho” (1980, p. 68).

- c) uma educação é democrática quando as instituições escolares disponibilizam recursos e incentivos necessários aos professores para que estes possam fazer pesquisas sobre a sua própria prática pedagógica e escolar e para que possam, no pilar extensionista da educação, dialogar e interagir com a comunidade na qual a instituição de ensino se insere. Também é democrática

[7] “*Professores são heróis, profesór sira ne’e kontinua ser heróis. Ser profesór iha Timor-Leste laos buat ida fásil, tanta hasoru difikuldade oi-oin iha terenu – Professores são heróis, professores continuam a ser heróis. Ser professor em Timor-Leste não é uma coisa fácil, porque encontram-se sempre diversas dificuldades no terreno*”. Entrevista de Vicente Paulino concedida ao GMTV no programa Dader Kmanek sobre “*Metodologia do ensino em Timor-Leste*” (mm 13:23-13:35) que se realizou no dia 21 de setembro de 2023. Disponível em https://www.youtube.com/live/EqfM2yPAp7k?si=EgTewn3_VphHDPg8.



quando garantem o princípio de universalidade de acesso às informações necessárias e à valorização do princípio de pluralidade de sujeitos de diferentes origens e culturas que interagem no mesmo espaço escolar. Além disso, pode-se considerar ou definir uma educação como democrática, quando os intervenientes valorizam as instituições escolares públicas como um lugar aprendizado de respeito mútuo e de convivência mútua entre os diferentes sujeitos, desenvolvendo sempre o espírito de diálogo em todas as linhas de coordenação que orientam para o melhoramento do serviço educativo. Incluem-se, ainda, as tomadas de decisões associadas à política em texto (leis e regulamentos sobre o sistema do ensino) e à política em uso (práticas educativas desenvolvidas pelos professores nas suas escolas).

- d) A educação é considerada democrática quando a sua orientação se direciona à justiça social e à transformação da sociedade nas diretrizes económicas. Significando, portanto, que essa educação tem de reconhecer “por um lado, o direito de todos a uma formação segundo suas aptidões e suas prefe-

rências e, por outro, a necessidade de uma mão-de-obra qualificada como condição essencial para o desenvolvimento económico. Essas ideias e princípios vão marcar profundamente o campo de estudo da sociologia e, principalmente, da sociologia da educação” (Ferreira, 2006, p.109) – consequentemente, “a educação passou a ser entendida como aspecto fundamental para o desenvolvimento da economia” (*ibidem*, p.111). Em certa medida, o reconhecimento feito pelos sociólogos sobre as mudanças estruturais e funcionais encontradas na agenda política do estado ou do governo constituem ou apresentam um dogma básico do pensamento tecnocrático e economicista, que subordina a educação à lógica do mercado absoluto (*ibidem*, p116).

- e) considerar a educação como democrática significa usar as ferramentas tecnológicas para a aquisição e partilha do conhecimento, para a pesquisa relacionada aos conteúdos a serem trabalhados, incluindo os projetos de pesquisa orientados pelos respetivos professores-orientadores. Significa, portanto, que, na educação de-

mocrática, os aparelhos tecnológicos são usados para melhoria, aperfeiçoamento e disseminação do conhecimento e não para outros usos com intuito de difamar o docente e ameaçá-los aleatoriamente nas mídias sociais;

- f) a educação é democrática quando, por exemplo, o princípio de sustentabilidade socioambiental é garantido pela lei e cumprida por cidadãos, destacando o papel da educação ambiental, que deve ser socializada de tal forma que os indivíduos se conscientizem de que a mãe-natureza deve ser verdadeiramente preservada com a política de “uma árvore é uma vida”. Significa investir na educação como se fosse plantar uma árvore no quintal da casa para que um dia o plantador (ou as gerações vindouras) colha(m) seus frutos;
- g) uma educação é democrática quando a produção do conhecimento científico é dialogada com outros saberes e outras experiências compartilhadas. Esse diálogo é normalmente compartilhado com o agir comunicativo e superado pelos princípios de entendimento mútuo entre os construtores da educação, promovendo os valores éticos

da humanidade na produção e divulgação do conhecimento.

Assim, na educação democrática,

A escola existe para formar sujeitos preparados para sobreviver nesta sociedade e, para isso, precisam da ciência, da cultura, da arte, precisam saber coisas, saber resolver dilemas, ter autonomia e responsabilidade, saber dos seus direitos e deveres, construir sua dignidade humana, ter uma autoimagem positiva, desenvolver capacidades cognitivas para apropriar-se criticamente dos benefícios da ciência e da tecnologia em favor do seu trabalho, da sua vida cotidiana, do seu crescimento pessoal (Libâneo, 2005, p.3).

Contudo, a educação é, também, entendida como o local onde se implementa e se faz o exercício do poder ao serviço dos cidadãos e dos grupos sociais. Esse exercício do poder na educação é, segundo Althusser (1980), descrever e apresentar o aparelho escolar como principal aparelho ideológico do Estado que garante a reprodução das relações sociais, embora, em boa parte, é sempre ligada à produção capitalista que, na verdade, não é propriamente capitalista porque o que está em destaque é



a implementação da agenda política do estado para organizar, monitorizar e controlar o processo de instituições escolares. Nesse caso, a educação como local de difusão da ideologia dominante (Ferreira, 2006), particularmente a escola que “preenche a função básica de reprodução das relações materiais e sociais de produções, pode assegurar também a reprodução do ato de fazer trabalho com a vontade total e procura transmitir as qualificações e o *savoir faire* necessários para o mundo de trabalho” (Freitac, 1980, p.34 – grifo nosso).

O Ideal Pedagógico e Currículo na Educação Democrática – Considerações Finais

Uma educação democrática e intercultural permite-nos entender que a garantia dada ao processo de ensino-aprendizagem em uma instituição escolar tem de contar com a participação ativa de todos os intervenientes, desde os agentes educativos, professores, alunos e até os encarregados educacionais das crianças. Isso é o ideal pedagógico para garantir o funcionamento de uma educação democrática e intercultural, aliás, “só a história do ensino e da pedagogia

permite determinar as metas que a educação deve buscar a todo momento. (..) O ideal pedagógico de uma época expressa antes de tudo o estado da sociedade na época considerada” (Durkheim, 2011, p.95).

Na sociedade democrática, o ideal pedagógico para uma educação democrática é dar atenção de que

As escolas devem ter graus de liberdade na implementação do *curriculum* oficial e as parcerias entre as escolas e instituições de ensino superior podem ajudar os professores e as escolas a terem maior autonomia e estar melhor preparados para lidar com desafios com que se confrontam. Também podem ajudar as instituições de ensino superior a estarem mais conscientes precisamente desses mesmos desafios (Cachapuz, 2022, p. 78).

Quando na implementação encontram-se algumas falhas, “os educadores podem justificar currículos mais dispendiosos baseando-se em suas observações de que as dificuldades na aprendizagem aumentam proporcionalmente ao custo do currículo” (Illich, 1985, p.54). Mas, não é bem assim o que se vê na realidade. Em Timor-Leste (e naturalmente em

muitos outros países), o currículo, em termos da política em texto, já está definido por agentes que governam o setor da educação, embora necessite de alguns ajustes relacionados com conteúdos, mesmo que o trabalho aumente com os recursos disponíveis para realizá-lo e que, às vezes, por falta de leitura, não o consegue fazer.

Para evitar que isso aconteça, o Estado, docentes, discentes, pais ou responsáveis têm de agir de forma integrada, com uma visão construtivista e integracionista como ideal pedagógico para ampliar o senso comum na construção de iniciativas ligadas ao processo de ensino, de pesquisa e de extensão. E, o que nos parece importante também é a cooperação entre as partes que manifestem mutuamente a responsabilidade sobre a condução de uma educação de qualidade, em termos de ofertas formativas e de pesquisas científicas para o benefício da sociedade. Nesse âmbito, o ato de fazer um trabalho educativo é, direta ou indiretamente, preservar em cada indivíduo a história da humanidade ligada ao princípio de relações sociais estabelecidas coletivamente. Assim, “o objeto da educação diz respeito, de um lado, à identificação dos ele-

mentos culturais que precisam ser assimilados pelos indivíduos da espécie humana para que eles se tornem humanos e, de outro lado e concomitantemente, à descoberta das formas mais adequadas para atingir esse objetivo (Saviani, 1992, p. 21). A respeito disso, Dewey (1979b) aponta que o ideal de uma educação escolar (tanto do ponto de vista de teorias pedagógicas bem como de teorias curriculares) é a de colocar as aptidões intelectuais no desenvolvimento progressivo do conhecimento:

O ideal pedagógico expressa necessidades sociais antes de tudo, e ele só pode se realizar nos e pelos indivíduos. Para que ele seja algo mais do que uma simples concepção mental e uma vã injunção da sociedade aos seus membros, é preciso descobrir o meio de fazer com que a consciência da criança se conforme a ele (Durkheim, 2011, pp.114-115).

Se compararmos a afirmação de Durkheim com a nossa realidade atual, compreendemos que o pensador indicava que as pessoas devem compartilhar valores nas escolas e na sociedade. Atualmente, os alunos e a sociedade exigem uma diversificação dos métodos de ensino para



que assimilem conteúdos que foram discutidos em sala de aula, e isso faz com que os docentes se preparem melhor. Por isso, ser professor não é uma tarefa fácil, como dizia Martin Heidegger (*apud* Rogers, 1985, p. 27): “Ensinar é ainda mais difícil do que aprender (...) e por que assim é? Não porque o professor tem de possuir um estoque mais amplo de informações, e tê-lo sempre à mão”, porque como adverte Freire em passagem já citada neste artigo “Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para sua própria produção ou sua construção” (2011, p.23), significa que ensinar exige uma consciência que é necessário reconhecer o nosso “ser condicionado” e mostrar o “respeito à autonomia do ser educando” com o espírito de bom-senso. Além disso, o ideal pedagógico que um professor tem de aplicar na escola é compartilhar a ciência e o conhecimento com humildade, num processo instaurado pelo diálogo, aprendendo na medida em que ensina e ensinando na medida em que aprende, respaldado pela pauta definida (e preferencialmente discutida e refletida) pelos documentos norteadores das políticas educacionais.

Referências Bibliográficas

- ALTHUSSER, Louis (1980). *Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado*. Presença.
- ALTHUSSER, Louis (2008). *Sobre a Reprodução*. Vozes.
- BAILYN, Bernard (1960). *Education in The Forming of American Society: Needs and Opportunities for Study*. Norton.
- CACHAPUZ, A. (2022). “Educação em Ciências: Contributos Para a Mudança”. *Revista Vitruvian Cogitationes*, Maringá, V.3, N.2, 64-80, <https://doi.org/10.4025/Rvc.V3i2.65705>.
- CHAZAN, Barry (2022). *Principles and Pedagogies in Jewish Education*. D.C: Palgrave Macmillan.
- CREMIN, Lawrence (1976a). *Public Education*. Basic Books.
- CREMIN, Lawrence (1976b). *Traditions of American Education*. Basic.
- DEWEY, John (1979a). *Experiência e Educação*. Companhia Editora Nacional.
- DEWEY, John (1979b). *Democracia e Educação*. Companhia Editora Nacional.
- DURKA, Gloria (1990). “Family Life Education”. Iris V. Cully and Kendig B. Cully (Ed.), *Harper’s Encyclopedia of Religious Education*. Harper And Row.
- DURKHEIM, Émile (2011). *Sociologia e Educação*. Editora Vozes.
- FERREIRA, Rosilda Arruda (2006). “Sociologia da Educação: Uma Análise de suas Origens e Desenvolvimento a Partir de um enfoque da Sociologia do Conhecimento”. *Revista Lusófona de Educação*, N.º 7, 105-120.
- FREIRE, Paulo (1987). *Pedagogia do Oprimido*. Paz e Terra.
- FREIRE, Paulo (2011). *Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa*. Paz e Terra.
- FREIRE, Paulo (2012). *À Sombra Desta Mangueira*. Civilização Brasileira.
- FREIRE, Paulo (2019). *Pedagogia como Prática da Liberdade*. Paz e Terra.
- FREITAC, Bárbara (1980). *Escola, Estado e Sociedade*. Moraes.
- GIROUX, Henri (1993). “O Pós-Modernismo e o Discurso da Crítica Educacional”. Tadeu Da Silva (Org.), *Teoria Educacional Crítica em Tempos Pós-Modernos*. Artes Médicas
- ILLICH, Ivan (1985). *Sociedade Sem Escolas*. Vozes
- LIBÂNEO, José Carlos (2005). *As Teorias Pedagógicas Modernas Resignificadas pelo Debate Contemporâneo na Educação*. Alínea. <https://www.fclar.unesp>.



- [Br/Home/Graduacao/Espacodoaluno/PET-Programadeeducacaotutorial/Pedagogia/Capitulo-Libaneo.Pdf.](#)
- MARX, Karl (1978). *Crítica da Educação e do Ensino*. Moraes.
- MATHESON, David (2014). *An Introduction to the Study of Education*. 4th Ed.. Taylor and Francis. <https://www.perlego.com/book/1627725/an-introduction-to-the-study-of-education-pdf>.
- MATHESON, David (2014). “What is Education? An Introduction to the Study of Education”. Routledge. 1-19.
- PAULINO, Vicente (2022). “Globalização, Educação Intercultural e suas Proposições para Pedagogias Decoloniais”. Suzani Cassiani., Patrícia M. Giral di., Soraya F. Conde & Roberth De Carvalho (Coords.), *Resistir, (Re) Existir E (Re) Inventar II: Pedagogias Decoloniais em Diálogo com o Sul Global*. 37-73. Editora Livraria da Física.
- PAZMIÑO, Robert (2002). *Principles and Practices of Christian Education: an Evangelical Perspective*. Published By Baker Book House.
- ROGERS, Carl (1985). *Liberdade de Aprender em Nossa Década*. Artes Médicas.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques (1992). *Emílio ou da Educação*. Bertrand Brasil.
- SANTOS, Miguel Maia & PAULINO, Vicente (2014). *Família e Escola na Sociedade Contemporânea: Revisitar Alguns Elementos Necessários*. PAULINO, Vicente (Org.), *Timor-Leste nos Estudos Interdisciplinares*. Unidade de Produção e Disseminação do Conhecimento/Programa de Pós-Graduação e Pesquisa da UNTL, 197-218.
- SAVIANI, Demerval (1992). *Sobre a Natureza e a Especificidade da Educação*. Cortez.
- SINGH, Madhu (2015). *Global Perspectives on Recognising Non-Formal and Informal Learning: Why Recognition Matters*. Ebook Springer Open.
- TUDOR, Sofia Loredana (2013). “Formal – Non-Formal – Informal in Education”. *Procedia – Social And Behavioral Sciences*, 76, 821-826. <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1877042813007568?via%3Dihub>.
- WINCH, Christopher & GINGELL, John (1999). *Key Concepts in The Philosophy of Education*. Routledge.